

# O SAPO

Boletim literário e humorístico



REDACTOR-CHEFE: ADOLPHO WERNECK

ANNO V

REDACÇÃO  
Rua 15 de Novembro

Curityba, 10 de Agosto de 1902

ASSIGNATURAS  
Trimestre..... 3\$000  
PAGAMENTO ADIANTADO

Nr. 30

## Rolhas...

Ha muito já que o «Sapo» está fóra das graças archangelicas do fradalhaço que septenariamente cilicia os leitores da «Estrella» impingindo-lhe um mixtúrio detestavel, verdadeiro vomitório, tal é a exhalção de esterquilínio da *Chronica*.

Creemos que para essa perda de graças concorreram, em grande escala, as nossas modestas *rolhas* que têm sahido por varias vezes desabusadamente *atheistas* introduzindo-se, ora pelas guelias á dentro de um gremio pseudo-litterario, ora entre as ganachas ecclesiasticas que orneam contra o casamento civil.

Mas não nos arrependemos do que hemos feito: em lugar das unctuosas *beijocas* cicricas preferimos as mais horrendas excommuniões! Além disso seria muitissimo curioso, quasi phenomenal, que este periodico, independente como é e redigido por moços, andasse a entoar ladainhas anachronicas em vez de estribilhar, á altura de suas forças, o hymnario redemptor dos ideaes modernos.

Seria realmente muito curioso, mas felizmente não se dá semelhante aberração e por isto mesmo verberou elle, atravez das *rolhas*, a littera ura rançosa do beatifico Gremio Julia da Costa, valendo-lhe a zombaria a primeira investida do vigilante *Verax*, o tal da *Chronica*, que pelos modos é o cão de fila a guardar as *preciosidades* romanas.

Então o zeloso chronista sahio, prestes, á campo aggreindo todos os homens de letras (bem entendido, os que são... atheus!) fazendo alarde da palavra—*nephilibat*—que elle não comprehende.

Podiamos ter lhe arrebetado os molares... caso as suas dentadas attingissem siquer os saltos das botas, mas deixamol-o á vontade, ou, melhor, á discrição dos guardas-fiscaes.

A nossa complacencia, porém, foi mal interpretada; o sarrafaçal arvorado em chronista julgando, por certo, que temiamos o valor acachapante da sua dialectica jesuitica, do seo rosario encaroçado edo seo portuguez de contrabando, tem voltado á carga e ainda no derradeiro numero da «Estrella», prendeo o «Sapo» no pe-lourinho intitulado—*Chronica*—onde já foi vilipendiado o Marechal Floriano!

Ainda desta vez fica a investida impune; estas linhas são apenas um pequeno repelão nas orelhas formidaveis do *Verax*, desse *Verax* pyramidal que busca, por todos os meios, merecer uma salva de pontapés «onde a espinha dorsal muda de nome».

Mas, vejam os leitores como somos generosos e bons!

Nós amigos da troça, sectarios da satyra, deixamos em paz o padre mais ratão que o céu cobre, o mais bronco engrolador de latim de todos os que engolem hostia!

Entanto, que pagodeira colossal si transformassemos a batina do *Verax* em dominó carnavalesco (que outra cousa não é) cheio de guizos e com um sincerro á altura das rosas rebrbativas! Que pagodeira! Que famosa pagodeira!!

Mas tambem que mascarado desenxabido capaz de, pela absoluta falta de espirito, fazer arrebetar na convulsão do riso a presilha das calças dos proprios santos que não andam com as gambias á mostra!

Que troça monumental!

E é bem possivel que ella se realise.... Cuidado, *Verax*!

MARIO LAMOR



## VÊS...?

(A Euclides Bandeira)

Vês?... Ah! não podes ver gravada em minha testa

A dor... a dor cruel que me assassina,

A dor que me perturba o sonho, a Messalina

Que, beijando-me, a Paz e a Inspiração me cresta.

Vês?... E' meu coração intermina floresta...

Floresta de leões... uma argelina

E tetrica floresta, oh, Carlina! oh, Carlina!

Oh, Carlina! onde rage o Amor, e o Odio festa!

Já, dentro em mim, não brilha essa energia immensa

Que conduz á victoria a Mocidade;

Vês?... Já não tenho fé e já não tenho crença.

Meu escudo?... —partiu-se; o meu doirado arnez?...

—Jaz em pedaços; minha liberdade?...

—Ah! deixei-me vencer por teus encantos. Vês?...

Curityba, 9 —8—02.

SOUZA GAISLER.

# INTERMEZZO

O. D. C.

—\*— ÀS GENTILÍSSIMAS SENHORITAS CURITYBANAS —\*—

Poetas em fila, madriças alertas.

B. LOPES.

REDACTORES:

GALOPIN E AILLOUMI

Damas, meus senhores, são todas iguais.

EMILIANO PERRETTA.

ANNO I

CURITYBA, X DE AGOSTO DE MCMII

NUMERO 9

## MAÇOA

Depois que Elza partiu por esse espaço a fóra  
Muito branca, a voar, caminho do mysterio,  
A noite da tortura, a noite que apavora  
Distendeo sobre mim o negro véo funereo.

Prazeres e illusões... tudo se foi... Agora  
Parece o peito meo escondo eremiterio  
Onde um triste fakir—o coração—deplora  
A lancinante dor que cruelmente fere-o.

E no entretanto sei que Ella vive tão pura,  
De carinhos cercada e cercada de flores,  
A sorrir, a sonhar, nessa intermina Altura...

Mas como me lacera o espletante espinho  
Da saudade cruel e me torturam dores  
Depois que Ella partiu e me deixou sosinho !...

GIL-VAZ.

## Penitencia

Quando Isaura deixou o confissionario, ain-  
da corada e tremula, Martha, a mais alegre das  
educandas, levando-a para um canto da ca-  
pella, interrogou-a curiosamente.

—Então, Isaura, que tal o novo confessor?

—Um santo, Martha. Não imaginas quan-  
to é meigo... Só pelo prazer de ouvir-lhe a voz  
vale a pena confessar-se a genituda das ma-  
nhãs. Que differença entre elle e o rabugento  
padre Amancio.

—E como confessor?

—Oh! interroga com tanta delicadeza e com  
tanta habilidade, que nada se lhe pôde escon-  
der.

—E tu contaste todos os teus peccados?

Corando a loira Isaura balbuciou: —Contei.

## RODA-PÉ

### Escriptos do outro mundo

I

#### DA TERRA AO INFERNO

Estava morto, bem morto.

E não sentia nada do que ahí no mundo  
julgam que se sente quando deixamos esta  
vida.

Raciocinava e até mais livremente, porque  
não sentia o peso enorme de um corpo, suje-  
ito a miseraveis necessidades.

Depois do atordoamento de espirito natu-  
ral, de quem se livra de um peso de cem arro-  
bas, achei-me estendido em um caixão, sete  
palmos abaixo da terra.

Como não sentia oppressão alguma e esta-  
va muito á vontade levei a imaginar na mi-  
nha nova posição.

—Todos! exclamou a alegre Martha com  
um sorriso malicioso nos seus carnudos e san-  
guineos labios e duas scentelhas nas pupillas  
dos olhos negros.

—Todos...

—Mesmo aquelle ? !...

—Insistiu Isaura.

—E elle com certeza impoz uma penitencia  
horrivel ?

—Não.

—Então é mesmo um santo o confessor ?...

—Um verdadeiro santo! disse-me apenas  
que eu duas vezes por semana, lavasse a mão  
na pia da capella.

—Oh! diabo? exclamou a alegre Martha  
sobresaltada, então não me confesso !...

—Tu! porque ?

—Porque? porque se elle ordenou que le-  
vasses a mão culpada duas vezes por semana  
a mim, com certeza, impõe como penitencia um  
banho geral diario na pia da capella. Não,  
prefiro o padre Amancio...

(Album de Caliban)

## O eclipse da belleza

Eclipse visivel de manhã. Com a  
aurora as estrellas do céu extinguem-se :  
com a aurora empallidecem as  
estrellas da terra

São 6 horas da magrugada, está  
se ennevoando o baile. Alguns im-  
prudentes dançam ainda o COTILLON  
extraordinario de despedida; po-  
rém de repente uma perfida mão  
abre uma janella.

E' dia! é dia!

E tive o desejo de vêr o effeito que faria no  
mundo o meu espirito, a pura essencia de Fritz  
Gouvion.

E bastou desejar para achar-me fóra da  
cova.

E a terra nem se abriu para me deixar pas-  
sar.

Como é bom ser-se espirito, ser-se invisivel  
e aeriforme.

Imaginava já, passar atravez de paredes,  
rir-me de quantas fechaduras e ferrolhos por  
ahi existem quando o meu espirito principiou  
a elevar-se.

Tinha perdido a acção da gravidade.

Não contava com esta.

E subia a principio vagarosamente e depois  
com a rapidez da electricidade.

Vi a lua inteira, completinha sem faltar um  
pedaço.

Passei bem perto das cratêras de seus vul-  
cões extinctos.

Vi Marte, Jupiter, Saturno, Venus, etc., etc.

Passei pelo sol sem me queimar e sem sen-  
tir o menor calor.

E o pó de arroz descobre o segredo ;  
o carmin, o azul, o nankin perdem  
os beneficios do incognito.

Quantos romances começariam  
pelo fim se os eclipses deste genero  
fossem mais frequentes.

Como certas mulheres qualificam  
os noivos :

Um noivo engenheiro, uma equa-  
ção de duas incognitas ;

Um noivo da roça, uma pilula  
dourada ;

Um noivo boticario, linho, para  
cataplasmas ;

Um noivo professor ou musico, a  
fome com figura de gente ;

Um noivo poeta ou litterato, *me-  
rengue* depois de indigestão ;

Um noivo commerciante, o usu-  
rario do amor ;

Um noivo jornalista, molestia  
grave ;

Um noivo chronista-diario, uma  
ameaça constante de surpresas ins-  
tantaneas ;

Um noivo reporter, tysica mesen-  
terica.

E continuei a subir deixando tudo abaixo  
de mim.

Atravessava nuvens de neve, sem sentir a  
menor sensação.

Julgava já que aquillo não tinha fim.

De repente deixei de subir, o meu espirito  
parou.

Achei-me então n'uma planicie de nuvens.

Na minha frente estavam dois caminhos,  
separados por montanhas de nuvens brancas

com scintillações brilhantes e tão vivas que  
seriam capaz de cegar a quem tivesse olhos.

Não ao meu espirito, porque elle vê sem  
olhos e ouve sem ouvidos.

Levei a imaginar qual dos dois caminhos  
havia de seguir, quando deparei com dous  
grandes cartazes no principio de cada caminho.

Para experimentar se a minha sciencia tinha  
ficado com o meu corpo na terra, approxi-  
mei-me para lêr o da direita.

E li perfeitamente e fiquei convicto que a  
sciencia fica com o espirito.

Estavam escriptos em idioma, que com cer-  
teza, não é lá da terra.

(Continúa)

## GALERIA

Ao A. J. Machado

Poeta, quem não te admira?  
Cantor, quem não te aprecia?  
Tão joven tangendo a lyra!  
Tão moço e tanta poesia!

Cada phrase, uma saphyra,  
Um diamante que irradia...  
Bebeste aromas na pyra,  
Da Forma, da Melodia.

Em breve, si continuares,  
Com versos tão imponentes,  
Com tão sublimes cantares,

Terás excelso mancebo,  
No Largo de Tiradentes,  
Uma estatueta de sebo.

GAFFE.



## Abjuração

Em nome do padre, do filho e do  
espírito-santo, amen.

Hoje entro assim, persignando-me, a fim de não provocar a rabia do chroniqueiro que houve por bem chrismar o «Sapo» de *sujo*, pizando nos callos, consequentemente, de todos os que rabiscam nesta heroica revista.

Um erro a chrisma do reverendo e a prova aqui está: eu, que era ultramontano, deixei de o ser, passando com armas e bagagens para as fileiras liberaes!

Mais uma ovelha que se desgarrar do pesteador rebanho catholico, e que ovelha! Docil, mansa, socia de todas as confrarias, *resadeira* a mais não poder! O meo logar no paraíso estava segurissimo e eu fazia todo o possivel mesmo para o segurar bem, antegozando a recompensa no meio das onze mil virgens..

Mas, o chroniqueiro fez-me virar a casaca. E' verdade que a minha fé já andava fortemente abalada depois que um anticlerical disse-me que a fé não vale nada.

—Como assim? retruquei abespinhado; vale muito, muitissimo! Basta dizer-lhe que ás vezes doentes, ás portas da morte, bebem um pouco de agoa *com fé* na santa madre igreja e saram perfeitamente.

—Pois elles que redobrem a dose de fé engurgitando, em vez de agoa benta, um pouco de strychnina e o Sr. venha me contar o resultado!

Com franqueza, embatuei! Não sou homem, porém, que se dê por vencido sem mais nem menos; procurei nova posição e fiz fogo contra o hereje, defendendo o casamento religioso.

—Tambem não vale nada, responde-me elle, e a demonstração é facil.

O facto deo-se ha pouco tempo nesta cidade. Um rapaz anticlerical teve o caiporismo de se apaixonar por uma pequena carola, bem como toda a familia.

O namoro deslisou n'um mar de rosas até o momento psychologico do *pedido solemne*, quando levantou-se uma tempestade dos mil diabos: ella não queria ir só no civil... O combate foi renhido; afinal elle expoz o seu *ultimatum*: não gostava de duas amarras; casaria só no civil ou só no religioso..

E o casorio gorou porque o pae da moça, apesar de catholico, achou que na segunda hypothese a sua filha ficaria simplesmente amasiada..

Eu fiquei arrolhado com a demonstração do meo contendor: realmente, si o casamento religioso é o unico que tem valor, como affirmam os catholicos, porque elles não dispensam o contracto civil, consorciando-se apenas religiosamente? Ao menos seriam coerentes.

Como já ficou dito, o meo fervor religioso já estava descrecendo dia á dia, mas deo-lhe o tiro de misericordia o boçal chonista da «Estrella».

Não quero pertencer a um credo, cujo orgão official estampa baboseiras do calibre da *veraxiana* chronica.

D'or'avante, pois, não mais rezará pela felicidade dos reverendos, isto é, pelo augmento das banhas eclesiasticas o

MISTER YOSO.



Galilé

PADRE DESIDERIO DESCHAMD

Ao saltar de uma calçada  
Em vendo vir um athêo,  
De maneira desastrada  
Cahio de quatro e morreo.

CORPOFERARIO

## Tiro ao alvo

(Ao autor da *Chronica* de uma insipidaes chan publicada n' *A Estrella*)

Vem cá, *Verax d' A Estrella*, ó pudico chronista,  
Nada tens a temer, meo gorduroso frade.  
Olha; estamos a sós e distantes da vista  
Do Zé-povinho mão... Fallemos á vontade.

Jamais eu fiz tenções de palestra contigo,  
Pretendia deixar-te escoucear á gosto,  
Mas já que provocaste e eu não temo perigo  
A dizer-te o que sinto eis-me agora disposto.

Ha dias publicaste á titulo de chronica,  
Sem cabeça nem pés, um insosso aranzel.  
Li-o e soltei então uma risada ironica  
Por ver tanta sandice impressa num papel.

Parece incrível que no seculo das luzes  
Haja um typo boçal, um typo nullo assim  
Como tu, meo fradeço, amigalhão de cruzes  
E pifio comedor de phrases em latim.

Não gostas tu d' *O Sapo*, esta revista *suja*,  
E por essa razão quando ensejo te é dado  
Sacias o teu odio, ó lugubre coruja,  
Taxando-o de immoral, de sujo e de safado.

Entretanto não tens o minimo motivo,  
—Estulto reverendo, ó corvo de batina,—  
De ser tão contra *O Sapo*, este jornal altivo,  
Que jamais se baixou a lategar-te crina.

Provavelmente foi o folhetim *Noiça*  
Quem deo-te ao rosto a cor de vermelho da China.  
Todavia disseste, ó papador de missa,  
(Por modestia talvez) um da raça suina...

E podias dizer, com liberdade plena:  
Corei (porque não sei) em lendo um folhetim  
Que *O Sapo* publicou, bem relatada scena  
Passada entre uma moça e um padre igual a mim.

Metaphorico foste em dizendo «capaz  
De fazer vermelhar um suino», porem  
Eu que sou atilado, eu que sou perspicaz,  
Padre, te comprehendí perfeitamente bem.

E como eu, certamente, os outros te entenderam  
O' virtuoso cura, ó reverendo honesto,  
E disseram em côro, unisonos disseram:  
«O *Verax* demonstrou ser bastante modesto.»

Aborrecido estou de ver-te á minha frente.  
Vae-te typo imbecil, meo cara de taneco...  
Mas fica certo que, de outra vez, inclemente,  
Serei para contigo estúpido padreço.

P. S.

PLURÃO

Quem *murmura* o que quer, diz antigo dictado,  
Escuta o que não quer, por isso, nota bem:  
Hei-de cortar-te á relho as carnes do costado  
Até dizeses chega, ó reverendo... Amen.

P.



## Versos Antigos

Para Ella

Certo ao ler estes lacrymózos versos  
Calcularás a Dôr que estou sentindo,  
Vendo nas rimas um lyrismo infundo  
E desta magoa cruel uns tons diversos.

Ora comparo os dias meus aversos  
Aos que gosei antigamente rindo,  
Junto ao teu collo tão eburneo e lindo  
No qual deixei tantos beijos dispersos.

Hoje, já não supporto esta cruciante  
Dôr aguda que tanto me tortura  
Por ver-te, chara amada, bem distante.

Longe de ti, eu sinto com violencia  
Augmentar minha triste desventura,  
Ultimar-se esta lugubre existencia.

RIBEIRO BRAGA.

## Miudezas

Recebemos de S. Paulo a circular que abaixo publicamos:

Illmo. Sr. Redactor — Saudações.  
— Communico-lhe que fundei nesta capital um «Gabinete de Leitura», para o qual peço-vos, encarecidamente, o especial obsequio de mandar, sempre, com a maxima pontualidade, um exemplar de cada numero do *vosso* conceituado jornal, pelo que desde já me confesso grato.

O jornal deve vir subscriptado com o meu nome e endereçado a minha residencia, abaixo mencionada.

Do collega etc.

José Cantinho.

Rua d. Antonia de Queiroz — 3  
— (Bairro do Braz)

Que dizem os nossos leitores da *ideia luminosa* do Sr. Cantinho?!.. E' um bom meio de ler jornaes por preço commodo. Agora resta-nos aconselhar ao Sr. Cantinho que solicite do mestre João Ribeiro uma *grammatica*, livro indispensavel aos *Gabinetes de Leitura*.



Uma rapariga apanha o marido a beijar uma de suas amigas.

— Bravo, bravo, meu tratante; apanhei-te com a bocca na Botija. O marido com muita calma.

— Oh! meu bem! pois tu chamas de botija a uma senhora tão galante?

Em Villa Rica, Rio Grande do Sul fundou-se um club litterario denominado *Felix da Cunha*, para cuja bibliotheca o Sr. Pedro Estrella de Villeroy pede a remessa de nossa folha.

Será attendido.

Nesta arvore foi que minha sogra se enforcou.

— Sim? perguntou um amigo, casado ha pouco.

— Ha de me dar um galhinho dessa excellente arvore, para plantai-la lá em casa.

«*Excelsior*», carta aberta ao Dr. Arlindo de Carvalho Pinto, de seu amigo Alvares Coutinho, Cooperador da União» é o titulo de um vibrante pamphleto de propaganda da *União Sottocratica*, introduzida em nosso meio pelo distincto Areopagita Magnus-Sondahl.

Apezar de leigos em materia orthologica, apreciámos realmente varios trechos da *carta aberta* do Sr. Alvares Coutinho, com especialidade os que se referem ao Amor que tem sido massacrado pelos tórcologos.

Agradecidos.

Sabemos que brevemente apparecerá uma revista litteraria, nesta cidade, sob a redacção de um grupo de noveis paladinos a cuja frente se acha Cicero Marcondes França.

Agradecemos a communicação que nos foi feita pelo digno 1.º secretario do Club Republicano Recreativo em Paranaguá, da eleição da nova Directoria que tem de dirigir até 1903 os destinos dessa respeitavel associação.

Somos gratos tambem pelo amavel convite para a festa commemorativa que se realisará no dia 21 do corrente.

O illustre litterato bahiano, Dr. Souza Pinto, ultimamente chegado a esta Capital, teve a gentileza de offerecer-nos tres exemplares da *Nova Cruzada*, caprichosa revista quescintilla na terra de Castro Alves.

Gratissimos ao nobre collega.

Na porta de seu armazem achava-se sentado um velho *careca*; passou um bregeiro e perguntou-lhe:

— Tem quasi para vender?

— Não senhor, respondeu o velho.

— Pois então retire a amostra da porta.

Para provar o pouco apreço ligado a *critica do Clow*, Ribeiro Braga remetteo-nos o soneto que hoje publicamos.

Proceda elle sempre assim, não se entristeça por pequeninas cousas, porque é muito certo que quem dá o cavaço...

Em uma reunião Intima conta um dos presentes as peripecias de uma scena de amor:

— O moço, vendo que seria surprehendido pelo marido da mulher com quem estava em colloquio amoroso, teve de saltar por uma janella para salvar a honra e talvez a vida da amante.

— Eu tambem — diz um velho — já me encontrei em identicas circumstancias, ha cerca de uns trinta annos.

— E o senhor tambem saltou por alguma janella?

— Não... Eu... era o marido.





Num cavallo branco, valles e barrancos,  
Caminha p'ras guerras em tempos de paz.  
Plumas todo verdes, lyrios todo brancos . . .  
— Cavalleiro, não vás !



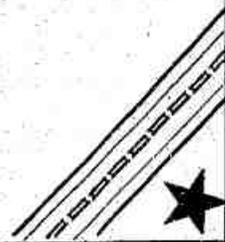
Cavalleiro audante ( fulgem armaduras ! )  
Galopa, galopa, sob estrellas más.  
Vai correr o Mundo polas aventuras . . .  
— Cavalleiro, não vás !



Cavalleiro fino como um argueiro  
Com espada d'ouro, ricos falbalás.  
Cabellos ao vento — Palmas ! — Cavalleiro ! . . .  
— Cavalleiro, não vás !



Cavalleiro triste ( ceifa a lua nova )  
— Que é da sua Dama ? Que é do seu gilvaz ? —  
Entra p'los salgueiros caminho da cova . . .  
— Não direi que não vás !

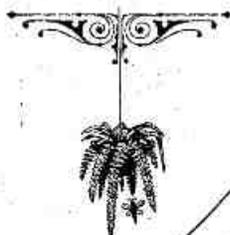


COMBATE

SINGULAR

Pah !... Pah !... Pah !...

Tinem espadas pelo ar...

Retine a raiva e o odio se avoluma  
e põe-se em guarda espiando no olhar  
dos dois rivaes. Nos labios brilha espuma !...E cresce... cresce... Porem, subito, uma  
espada estala e cae inda a cantar !...  
Um corpo tomba e rôla a branca pluma  
no parque perfumado do solar.

**INVARIÁVEL**



da Morte.

E o bizarro pergaminho, impresso em flor recobrida-me, com a sua rixa saudosa, com os olhos de repente em lagrimas e o coração oppresso, Lá fóra o velho carrilhão gemia, em velhas notas decrecrescentes, o funerarrio hymno nostalgico do Paiz

como que receioso de que tal scena, se me desapparecesse, de repente em lagrimas e o coração oppresso, Lá fóra o velho carrilhão gemia, em velhas notas decrecrescentes, o funerarrio hymno nostalgico do Paiz

O coração rugio na sua jaula, — fóra indomada ! Luctas de oceanos contra oceanos, — scenas de fogo e de espadas, exter-

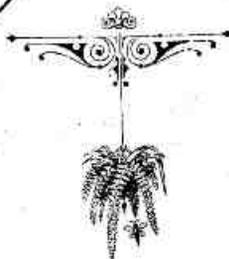
Eu lia o velho livro extranho ! Os olhos se me accenderam em duas lanternas magi-

cas, onde se estaria lendo ? Luctas de oceanos contra oceanos, — scenas de fogo e de espadas, exter-

Ao concibil-o o sól-lá estava, outra vez, no horisonte jalde... A EXISTENCIA HUMANA — o tragico romance...

E lá cima, na loiré, o sino já não gene —, canta !

Romario Martins.

Um gemido de dôr chora no espaço  
e vae morder — ó derradeiro abraço !  
no castello da loira castellá !...Esgueira-se subtil a carruagem...  
Faz-se o silencio... Apenas na ramagem  
Salvam ninhos a rutila manhá.

Thiago Peixoto.

